

A BANALIZAÇÃO DO ENSINO DE GEOGRAFIA

Bruno da Costa Machado*

RESUMO

Existem várias idéias para explicar a crise do ensino no Brasil e no mundo. Os problemas educacionais, e os da área da geografia em especial, são de vital importância para o desenvolvimento da sociedade de qualquer país. De certo, são muitas as linhas de raciocínio e de difícil análise quanto ao desempenho, baseado nisso, o presente trabalho teve como objetivos esclarecer, debater e citar algumas dessas “visões” que julgamos mais interessantes, e lançar novos olhares sobre algumas idéias. Sob o auspício de vários estudiosos da geografia, este artigo desenvolve sua crítica traçando um panorama entre o desenvolvimento do capitalismo e da educação, citando as influências tecnológicas e culturais como elementos que interferem, seja de uma forma geral ou dentro das características regionais, no município de Volta Redonda, o qual reflete elementos de escala nacional.

Palavras-chave: Ensino, Cultura, Geografia Crítica, Política, Economia, Ciência, Espaço.

ABSTRACT

There are several ideas to explain the crisis of the teaching in Brazil and in the world. The educational problems, and the of the area of the geography specially, are of vital importance to the development of the society of any country. Of right, they are a lot of reasoning lines and of difficult analysis with relationship to the acting, based on that, the present work had as aims to clear, to discuss and to mention some of those "visions" that we judged more interesting, and to throw new glances on some ideas. Under the attendance of the several specialists of the geography, this article develops your critic tracing a panorama among the development of the capitalism and of the education, mentioning the technological and cultural influences as elements that interfere, be in a general form or inside of the regional characteristics, in the municipality of Volta Redonda, which reflect elements of national scale.

Key-words: Education, Culture, Critical Geography, Politics, Economics, Science, Space.

1 Introdução

A educação no Brasil, como todos sabem, passa por uma profunda crise. Estando em uma sociedade e num período de desenvolvimento do modo de produção capitalista, precisamos entender que a educação se faz de acordo com o processo de socialização, demarcado por

* Graduando em Licenciatura em Geografia
Centro Universitário Geraldo di Biase
E-mail: bmachado84@hotmail.com

intensa ação política.

A solução dos problemas educacionais - os da área da geografia em especial, são de vital importância para o desenvolvimento da sociedade de qualquer país, pois ela não tem concluído bem o seu papel de permitir aos jovens um melhor entendimento do mundo, como um caminho para transformá-lo.

A história, a cultura, a revolução técnico-científico que estamos vivendo e todo processo do desenvolvimento humano são fatores que influenciam direta ou indiretamente na educação de um país. Esses condicionantes ganham características particulares quando observados sob uma ótica regional.

Visto a importância, vários autores discutem a problemática do ensino e sob o auspício de vários estudiosos da geografia, este artigo desenvolve sua crítica traçando um panorama entre o desenvolvimento do capitalismo e da educação.

2 A estrutura escolar e o histórico de banalização do ensino

Para analisar a situação do ensino devemos antes considerar o sistema econômico e político no qual estamos inseridos. É o sistema político-econômico que serve ao ensino ou o ensino que serve ao sistema político-econômico? A princípio deveria ser o Estado a servir as necessidades da sociedade, e dentre elas está o direito à educação. Porém esse direito só foi “criado” quando necessário às necessidades capitalistas.

Não é novidade que o ensino brasileiro precisa se reestruturar sobre bases mais sólidas e em um espírito de compromisso social, porém mudanças sociais deste porte não surgem das vontades da camada desfavorecida da sociedade, e sim para alimentar a ideologia da classe dominante e interesses de programas afirmados como, por exemplo o FMI.

Com o advento da Primeira Revolução Industrial houve por parte do capitalismo uma grande reforma no ensino. O “ensino de massa” só se viabilizou quando este passou a ser necessário para as mudanças que aconteciam. Onde surge de fato a instituição escola, instrumento necessário para acompanhar a grande transformação no espaço habitado, preparando as massas que enchiam as cidades com novas esperanças de mercado de trabalho. No início do século XIX, com o surgimento de uma nova organização político-espacial, o Estado-Nação, era necessário despertar nas pessoas o sentimento de patriotismo e nacionalismo. Nesse momento histórico de industrialização e competição por novos mercados, inculcar também a idéia do consumismo se fazia necessário. Assim parece-nos algo mais semelhante com doutrinação do que com educação, observado em nossas escolas até os dias atuais.

Dessa forma o capitalismo mostra também suas características contraditórias, pois o ensino instituído para preparar as massas para a industrialização incipiente, serve ao aparelho capitalista e também como uma ferramenta que abre os horizontes e ajuda a criação do novo, à subversão das coisas. Daí a importância da presença marcante de uma filosofia que dominasse essa situação.

Com isso, ainda no século XIX a área humanística não era considerada como científica por consequência do positivismo, que na época em que a geografia foi institucionalizada era a filosofia hegemônica. No início do Brasil Republicano o positivismo foi utilizado pelas elites

econômicas para defender seus interesses e com base neles se apoiava à educação, a qual cabia definir papéis na sociedade e formar a elite intelectual. Em suma, preocupa-se com o “saber útil”, mantendo certo desprezo pela filosofia e pelo abstrato. Pressupostos presentes nas salas de aula, em alguns livros didáticos e na instituição como um todo.

A estrutura escolar é organizada pelo poder, e permite que se estabeleçam patamares na formação dos alunos enquanto seres sociais. Concede diplomas diretamente utilizáveis no mercado de trabalho correspondendo as necessidades de uma sociedade industrial, reforçando assim a divisão do trabalho e a seleção dos trabalhadores. Esta necessidade faz das pessoas reféns da educação como preparação para o mercado de trabalho que se torna cada vez mais competitivo e exigente. Expectativa que as escolas brasileiras em sua maioria, não conseguem superar com sucesso. Por esta análise, observamos que a geografia nesse ambiente de especificações e utilitarismo se torna uma disciplina banalizada.

Na sociedade de classes em que vivemos não existem “necessidades coletivas” ou “interesses da comunidade” os quais cabe também a escola defender. Antes era preciso preparar as grandes massas que ocupavam as cidades para o novo momento, o da industrialização. Hoje em dia é necessário se especializar cada vez mais e a instituição escolar ajuda na hierarquização da sociedade e a divisão do trabalho. A princípio nos parece muito “bonito” preparar as pessoas para o mercado de trabalho, e muitas vezes com o apoio de iniciativas de organizações privadas.

A burguesia, que durante muito tempo combateu os privilégios do clero e dos senhores feudais, ridicularizando sua “origem divina”, teve que criar uma nova forma de legitimidade: o estudo, o mérito escolar, o diploma... A escola contribui para a reprodução do capital: habitua os alunos à disciplina necessária ao trabalho na indústria moderna, a realizar sempre tarefas novas sem discutir para que servem, a respeitar a hierarquia. (VESENTINE, 1985 apud OLIVEIRA, 2008 p.31)

Assim, o sistema capitalista consegue perpetuar as desigualdades sociais com sabor de democracia e igualdade, pois a elite que pôde ter acesso às melhores escolas de ensino fundamental e médio (na grande maioria particulares) terá larga vantagem contra alunos que venham de escolas públicas ao tentarem ingressar em uma universidade pública, tornando o ensino brasileiro estranhamente controverso. De um lado os de baixa qualidade aos das classes desfavorecidas e do outro, instituições públicas que mantêm elevada credibilidade e austeridade no ensino, às classes da elite econômica deste país.

O primeiro passo para a mudança é reconhecer inteiramente a crise que o ensino atravessa. Nos EUA, só houve uma verdadeira reforma quando eles conseguiram reconhecer a grande crise em que se encontrava seu ensino, tanto que estudiosos declararam que o ensino norte americano parecia ter sido criado pelo seu pior inimigo. A derrota francesa em 1870 foi atribuída à falta de conhecimentos geográficos, o que levou estudiosos franceses a repensarem todo o ensino de geografia do primário ao curso universitário. O Brasil, ao contrário destes, nunca reconheceu de fato a crise em que seu ensino sempre esteve mergulhado. O governo vem mascarando os problemas com medidas paliativas e criando índices que demonstram apenas as pequenas melhoras. Os grandes defeitos, que exigem os maiores desafios, não são exibidos. É óbvio que já tivemos um número muito maior de analfabetos, de falta de escolas públicas, de excluídos sociais... porém, esses são problemas que ficam à mostra, perceptível a reclamações. Talvez por isso estejamos vivendo o pior momento da educação no país e por não conseguirmos enxergar as falhas, fica quase impossível consertá-las.

A geografia, por tratar de assuntos polêmicos e de assuntos que possibilitam questionamentos, foi deixada em segundo plano assim como a área de humanas como um todo, e por diversas razões, várias matérias de outras áreas do conhecimento são mais bem elaboradas e valorizadas. No Brasil, a renovação da geografia ganhou impulso somente com o abrandamento da ditadura militar, porém, não houve mudanças significativas e ainda carregamos a pesada herança do pensamento positivista.

3 Desenvolvimento da geografia no momento sócio-cultural e as deficiências do ensino na nova realidade dos alunos no mundo globalizado

Nesse momento de transformações culturais cujo uma “cultura boçal” ganha cada vez mais espaço, as influências da mídia se tornam mais nítidas. A indústria cultural, enquanto produto do capitalismo tem servido melhor nessa era de globalização à manutenção do próprio sistema que em outras épocas.

Há a necessidade de acompanhar as (r)evoluções tecnológicas e saber usá-las ao benefício cultural, pois o que impulsionou o surgimento da geografia crítica foi a revolução tecnológica, apesar desta também abrir os horizontes e aumentar o alcance do poder da mídia. As características capitalistas sempre tiveram pontos positivos e negativos, sendo contraditório por si mesmo. Nosso papel, enquanto cientista social é se utilizar das técnicas a nosso favor para a manutenção do bem estar social.

Milton Santos fala sobre a crença de alguns historiadores em um determinismo tecnológico contra os que defendem apenas uma ilusão tecnológica¹. É possível também, enxergar as conseqüências dessas transformações, como um possibilismo tecnológico. A base político-econômica do sistema capitalista é que fomentou e possibilitou a revolução tecnológica, que é apenas um prolongamento da revolução industrial. São fases quase que naturalmente previsíveis do capitalismo, uma evolução desse sistema. Assim como não são as características naturais do espaço que determinam as possibilidades das pessoas de uma região, foram as pessoas (inclusive a elite) que determinaram as possibilidades tecnológicas. Seja determinismo ou possibilismo o fato é que já passamos de uma era de ilusão tecnológica.

Existe uma certa preocupação dos estudiosos do ensino da geografia com o poder da mídia. “Todos os professores acusam a concorrência desleal dos meios de comunicação. Estes utilizam o que se pode chamar de uma geografia-espetáculo que tende a relegar a geografia escolar ao mundo da pré-história” (BRABANT, 1976 apud OLIVEIRA, 2008, p.21). Enquanto professores, temos que conhecer a realidade do aluno para servir de ligação entre ele e o conhecimento, não desmerecendo das tecnologias como parte importante da vida de grande número de alunos.

A geografia escolar deve interagir com novas tendências tecnológicas, não apenas pela importância delas no mundo moderno, mas por ser (a geografia) uma ciência que tem como

¹ “(...) Há os que crêem numa espécie de determinismo tecnológico e os que se põem em guarda contra todo risco implícito na crença em uma “ilusão tecnológica”. Preferimos a companhia destes últimos, sem com isso minimizar o papel fundamental desempenhado pelos progressos científicos e técnicos nas transformações recentemente sofridas pelo planeta. Esta “transformação total dos fundamentos da vida humana” de que fala Bernal teria sido impossível de outra forma.” (SANTOS, 1997, p.16)

grande desafio apresentar e discutir a modernidade que permeia a todos.

É preciso um olhar atencioso sobre esse fenômeno para que a metodologia não substitua o método. “Quando a ciência se deixa claramente cooptar por uma tecnologia cujos objetivos são mais econômicos que sociais, ela se torna tributária dos interesses da produção e dos produtores hegemônicos e renuncia a toda vocação de servir a sociedade” (SANTOS, 1997, p.18)

As ciências sociais não ficam de fora desse contexto, porém não devem necessariamente estar ligadas à tecnologia, mas quando servem a essa ideologia perdem seu alcance e reduzem suas possibilidades.

Há um aumento na importância do homem, de suas possibilidades, de seu saber, como também defende Milton Santos, faltando colocar esses conhecimentos a serviço da humanidade em uma era cujo relacionamento homem/natureza possibilita tudo saber e a tudo utilizar em escala planetária.

Como já vimos, o que fez ascender a geografia crítica no mundo e deslocar a geografia tradicional² foi a revolução tecnológica, pois a geografia não caminhava de acordo com essas mudanças. No Brasil, essa renovação da geografia só se pôde sentir de fato após o término da ditadura militar.

Porém não foi apenas pela revolução tecnológica. A base social que sustentara a geografia tradicional caíra. O capitalismo estava se modificando, entrando em uma nova fase e a geografia enquanto ciência tinha que evoluir.

Na era de um capitalismo tecnológico, uma criança de 10 anos já pode entender o poder do conhecimento e da informação ao alcance do seu *mouse* e/ou à velocidade de um “*click*”, mesmo que seja conhecimento infantil. O conceito de mundo globalizado está mais incutido nas crianças do que em alguns professores. Lidar com outras línguas, informações, interagir com outras noções é algo bastante natural. O mundo está sendo redescoberto, e nesse processo, discentes podem ficar facilmente mais atualizados que os docentes. O desenvolvimento humano se encontra em um movimento cada vez mais acelerado, tanto cultural, científico, técnico ou religioso, e desta forma percebemos que os conceitos estão se modificando e entre uma geração e outra fica aberto um abismo cada vez maior.

Alguns geógrafos críticos devem se alertar para um fato bastante importante quando em sala de aula para que ao educar não se combata uma doutrinação com outra. Os rumos do ensino e assim da geografia sempre estiveram aos sabores do capitalismo, logo a maior parte das críticas às tendências desta disciplina estará relacionada a este fato. Muitos geógrafos se tornam anti-capitalistas e passam ideologia enquanto professores. Ocorre que, ao invés de criarem críticas inteligentes, eles apenas embutem as idéias vindas de suas experiências, levados por suas influências marxistas, comunistas. Como o maior desafio da geografia é a modernidade, devemos sempre estar atentos às realidades dos alunos, compreendendo seu espaço. Na condição de educadores somos apenas intermediários entre o aluno e o

² Sobre a geografia tradicional expõe Antonio Carlos Robert Moraes: “Estas não davam mais conta nem da descrição e representação dos fenômenos da superfície terrestre. Criadas para explicar situações simples, quadros locais fechados, não conseguiam apreender a complexidade da organização atual do espaço. O instrumental elaborado para explicar comunidades locais não conseguia apreender o espaço da economia mundializada”. (MORAES, 1987, p.95)

conhecimento, para colaborar na construção de idéias e não entregá-las prontas.

4 As transformações culturais e os novos rumos da educação

Existem várias idéias para explicar a crise do ensino no Brasil e no mundo e várias vertentes de como deveria ser a geografia nos dias de hoje ou como está atualmente. De certo, são muitas linhas de raciocínio e de difícil análise quanto ao desempenho. É óbvio que elas se encontram em algum momento no decorrer de seus processos. Entre os objetivos desse trabalho está: esclarecer, debater, citar algumas dessas “visões” que julgamos mais interessantes, e lançar novos olhares sobre algumas idéias.

O fator cultural tem se mostrado cada vez mais importante como influência no ensino, principalmente ao da geografia. Se traçarmos um histórico sobre a cultura e a arte brasileira, chegamos à conclusão que houve uma baixa considerável na qualidade intelectual dos trabalhos mais difundidos pelos meios de comunicação. Uma forma inteligente de levar à diminuição da importância de algo é não valorizar o objeto em foco. A exemplo disto, podemos olhar para a ditadura militar no Brasil. Tudo era proibido e ocultado da sociedade, isso deu importância aos problemas sociais, e favoreceu uma arte que se preocupava com valores mais nobres, uma arte mais crítica. Hoje temos uma mídia escancarada, onde qualquer conteúdo é facilmente visualizado através dos diversos meios de comunicação. O interesse por debates, críticas, política, foi desaparecendo. Se não é proibido, poucos se interessam por um trabalho visto como algo “perturbador” pela sociedade.

Os fatores culturais são diretamente refletidos nos processos de educação. É interessante pensar como a geografia crítica esteve em efervescência nas universidades no final da década de 70. Essa geografia crítica desapareceu do ambiente universitário para entrar em livros didáticos como os de José Willian Vesentine, Douglas Santos, entre outros. Observa Helio de Araújo Evangelista:

Numa primeira avaliação, percebe-se que a Geografia Crítica, que atraiu tantos quadros jovens à época (década de 70), era emulada por um processo político que procurava restabelecer a ordem democrática e lutar pela justiça social. No entanto, verifica-se, ao longo da década de 80 passada, que ocorreu uma inflexão neste processo. (EVANGELISTA, 2000, p.1).

Há um esgotamento da geografia crítica que parece ter abandonado a maioria dos corredores dos cursos de graduação. Podemos atribuir a culpa disso a vários fatores, como: as mudanças trazidas pela revolução tecnológica em um mundo cada vez mais competitivo, onde no perfil dos novos graduandos não há muito espaço à essa linha de pensamento, as mudanças culturais, ou a queda de modelos comunistas/socialista junto a crise do marxismo, principal influência à geografia crítica. Porém é apontado um novo modelo da geografia brasileira pós-geografia crítica, segundo Manuel Correa de Andrade, estamos em um subperíodo atual em que se procuram modelos brasileiros para responder a desafios brasileiros³.

³“(…) O estudo da geografia brasileira... apresenta, a nosso ver, quatro subperíodos: o do domínio da escola francesa, com alguma influencia alemã; o período quantitativista, de domínio anglo-saxônico; o chamado de geografia crítica com alguns representantes da escola marxista-leninista; e finalmente, o atual, mais eclético e em que se procuram modelos brasileiros para responder a desafios brasileiros”. (ANDRADE, 1996, apud CARLOS, 2007, p.11)

O fato é que seja geografia crítica ou modelos brasileiros para responder a desafios brasileiros, nos cursos superiores parece haver espaço apenas a uma geografia utilitarista, rápida e direta, apenas para o diploma e o mercado de trabalho. Nos cursos particulares, discentes são clientes, e pouco vale a preocupação de alguns bons professores com o valor da pesquisa ou a construção de um verdadeiro conhecimento geográfico, assim como de pouco vale para o discente uma alteração desse quadro cômodo.

Se os alunos não aprendem a refletir sobre os problemas que os cercam durante o ensino médio (onde deveriam começar a ter a capacidade de reflexão crítica), e com os pais satisfeitos com o ensino oferecido a seus filhos durante sua vida escolar, estes ao ingressarem em um curso superior não estarão realmente preocupados com a qualidade do ensino que é oferecido. Entre esses despreocupados com o ensino estão futuros professores de geografia que provavelmente não terão nenhum motivo ou estímulo para modificar o sistema atual.

Realmente preocupante para evolução do ensino no país é satisfação com a qualidade do ensino. Uma pesquisa da CNT/Sensus encomendada à revista Veja, mostra o contraste entre a realidade e a percepção de pais, alunos e professores. Segundo a pesquisa 90% dos professores, tanto em escolas particulares como em escolas públicas, se acham preparados para dar aula. Das escolas públicas, 63% dos pais contra 92% em escolas particulares consideram o ensino do seu filho ótimo ou bom. E 68% dos alunos de escolas públicas e 92% de escolas particulares, acham o ensino que recebem ótimo ou bom.

Ainda apontado pela revista segundo fontes do Inep/MEC e OCDE, cerca de 22% dos professores do ensino básico não possuem diploma universitário e 60% dos estudantes chegam ao fim da 8ª série sem saber interpretar um texto ou efetuar operações simples de matemática. O resultado do último concurso para professores do estado do Rio de Janeiro, demonstra a incoerência entre a opinião de pais alunos e professores sobre a realidade do ensino.

Segundo reportagem do site do jornal “O Globo”, em um levantamento da Fundação Escola do Serviço Público (Fesp), sobre o concurso para o magistério estadual realizado no fim do ano de 2008, mostra que apenas 18% dos professores inscritos foram aprovados. Em história somente 5,3% passaram; em geografia 7,8% foram habilitados. Entre os docentes de matemática 10% atingiram as notas mínimas. O concurso foi promovido pela secretaria estadual de educação para cadastro de reserva. O estado tornou mais rigorosa a forma de seleção. Para ser considerado apto, era necessário obter conceitos mínimos nas três provas: proficiência básica (60% de acertos), conhecimentos pedagógicos (50%) e conhecimentos específicos (50%). A Fesp declarou que já está elaborando um projeto que possa auxiliar na formação dos docentes aprovados em concursos públicos. Ingressando o professor num centro de capacitação, com reforço nos conteúdos, antes de chegar às salas de aula. Obrigação esta (de capacitar futuros professores) que deveria ser dos cursos superiores em licenciatura.

Além de toda a falta de preparo, outro fator que chama atenção é a falta de profissionais graduados nas áreas específicas. Segundo o Censo dos Profissionais do Magistério da Educação Básica de 2003, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o território brasileiro possui um total de 126.074 profissionais do magistério ministrando a disciplina de Geografia no ensino fundamental e ensino médio. Destes, apenas 24.335 são graduados em Geografia, e 29.754 não têm o curso superior, ou seja, um volume superior ao de profissionais formados na disciplina. O restante dos profissionais é formado em outras áreas do conhecimento.

5 Características gerais e regionais refletidas no ensino em Volta Redonda

O problema do ensino de geografia em Volta Redonda é relacionado aos problemas do ensino em escala nacional, principalmente em relação à falta de políticas públicas para a melhoria deste que, quando existem, são apenas paliativas. Este fato está diretamente ligado à falta da participação e do interesse da sociedade sobre os problemas educacionais, pois a grande maioria das pessoas está satisfeita com a qualidade do ensino que lhes é oferecido. Porém os problemas de nível nacional ganham motivos e conseqüências específicas quando observados sob uma ótica regional.

Como é preciso considerar o sistema político-econômico de um país e suas influências globais para analisar as características do sistema de ensino, é preciso situar o histórico e as influências culturais para concluir-se uma análise regional. O presente artigo aponta características que mostram como os rumos do ensino se definem de acordo com a industrialização e o desenvolvimento capitalista. Em Volta Redonda, uma cidade que surgiu em plena industrialização brasileira em 1941, não poderia ser diferente.

Volta Redonda nasceu com a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), a maior usina siderúrgica da América Latina. Formada inicialmente pelos seus construtores e operários, a cidade cresceu ao redor e em função da usina, estando sua política e economia totalmente dependentes e voltadas a ela. Assim foi até os anos 90, quando, com a privatização, sua economia deixou de ter uma dependência direta para se tornar indireta.

Crescendo nesse bojo industrial, seu ensino não poderia deixar de sofrer total influência do capitalismo industrial. Como exemplo, citamos a Escola Técnica Pandiá Calógeras, criada em 1944 pela CSN, com o objetivo único de formar mão-de-obra a ser absorvida pela siderúrgica e ainda hoje é considerada por grande parcela da população da cidade a melhor escola da cidade, ou até mesmo da região.

A falta de profissionais graduados não faz parte do leque de problemas do ensino de geografia da cidade. Os fatores ligados à banalização do ensino estão relacionados aos órgãos responsáveis como as instituições e manutenção constante da qualidade, ao interesse e à motivação dos seus profissionais.

Com isso, parece haver um desânimo tanto entre os docentes como entre os discentes. Estes sabem que estão recebendo uma formação deficiente, porém além de não saberem o que reivindicar, muitos preferem ficar em uma situação mais cômoda a dificultar sua vida acadêmica. Não recebem da faculdade, por exemplo, qualquer forma de estímulo à pesquisa, apesar de alguns bons professores, de forma isolada, desenvolverem trabalhos diferenciados. Assim, sem estímulos exteriores, se torna cada vez mais difícil a modificação do quadro em que se encontram.

Observa-se que houve uma grande queda na procura pelos cursos de graduação em geografia. Segundo a coordenação do curso de geografia do Centro Universitário Geraldo di Biase, um dos únicos cursos de licenciatura entre as cidades do interior do sul do estado do Rio de Janeiro, o curso que antes formava cerca de trinta profissionais por ano, hoje se encontra com turmas praticamente vazias. No ano de 2008 se matricularam no curso 23 alunos e em 2009 apenas 16. Isso faz parte do reflexo do descaso com os professores no Brasil, como os baixos salários e as péssimas condições de trabalho, enfim problemas que chegam ser cansativos de falar, de tanto que são abordados em qualquer roda de conversa sobre o assunto.

Em julho de 2008, foi sancionada uma lei que define o piso salarial nacional para os professores do magistério público da educação básica. A lei também define que um terço da carga horária deve ser reservada à hora de trabalho pedagógico coletivo, como preparação de aulas, avaliação de trabalhos e correção de provas.

Um levantamento realizado pelo Departamento Intersindical de Estatística e estudos Socioeconômicos (Dieese), seção Apeoesp, para suprir a lacuna de professores somente no estado de São Paulo, seria necessário a contratação de 60 mil novos professores para a educação básica.

Em uma cidade com aproximadamente 233 mil habitantes e que possui um centro universitário particular com graduação em Geografia, poderíamos ter uma oferta de excelentes educadores. Porém se o quadro de diminuição pela procura do curso permanecer, teremos sérios problemas de escassez de profissionais, o que faz com que, sem concorrência pelas vagas, tenhamos uma queda pior ainda na qualidade dos profissionais.

Se já não bastassem todos os problemas do ensino de geografia e da formação de docentes, o Ministério da Educação, o MEC, autorizou a diminuição do tempo dos cursos de licenciatura de quatro para três anos. Se alunos formados em quatro anos não conseguem uma nota mínima para aprovação no cadastro de reserva em um concurso de nível superior, é fácil imaginar a qualidade dos cursos com duração de três anos. As medidas do MEC deveriam ser para elevar a qualidade do ensino, mas ao invés disso, demonstra claramente a necessidade do governo de aumentar números para expor à sociedade.

Ao analisar o perfil dos graduandos em geografia, percebe-se que a maioria deles não está ali porque gosta da área, porque são críticos e muito menos porque sonhavam em ser professores de geografia, mas sim por falta de opção. Em muitos casos, o graduando não pode ou não consegue entrar em uma faculdade federal, que possui um caráter bastante elitista, então opta pelo curso menos desagradável, que durante sua vida acadêmica se mostrou uma matéria “simpática” e que ele pode pagar em uma faculdade particular. Cujo custo do curso é um dos mais baratos, dando condições de manter a universidade sem pesar tanto no orçamento.

Sobre uma visão espacial geral das escolas de ensino médio de Volta Redonda temos: as escolas de áreas periféricas, onde a maioria dos bons professores não querem trabalhar devido sua localização ou pelo risco oferecido visto que muitas são controladas pelo poder local informal; as escolas técnicas, onde a maior preocupação é a capacitação profissional, e as escolas centrais, particulares, com renome e qualidade consideráveis, de onde sairão os alunos que ocuparão expressivo número de vagas nas universidades públicas ou nas mais renomadas e elitizadas faculdades particulares.

Diante desta situação, é difícil de esperar um profissional dedicado que esteja disposto a mudar esse “quadro pintado” da geografia. na região sul-fluminense mas que existe por todo o Brasil

3 Conclusão

Existe uma série de fatores históricos que estão intrinsecamente ligados e que caracterizam a crise atual da geografia. Marcado por uma profunda ação política, o ensino da geografia é influenciado pelos momentos culturais, pela situação político-econômico e pelo

desenvolvimento técnico-científico. Enquanto ciência social deve haver um esforço maior para abandonar essas influências e poder analisá-las também de fora para dentro. Como uma ciência dinâmica é preciso acompanhar os desenvolvimentos humanos porém, sem se deixar levar pelas devidas influências para se tornar crítica de fato.

Como foi apontado, é preciso buscar modelos brasileiros para os problemas brasileiros, a fim de que possamos nos situar melhor dentro de uma estrutura globalizada.

Ainda há um longo caminho para a renovação da geografia, da educação, e das ciências sociais como um todo, e o primeiro passo é reconhecer que existe uma gama de problemas por parte dos profissionais envolvidos, da população e do Estado, a fim de se encarar os desafios com conhecimento e precisão.

REFERÊNCIAS

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. (org). **A geografia na sala de aula**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- EVANGELISTA, Helio de Araújo. **A Geografia Crítica no Brasil**. Duque de Caxias: 2000. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/6935789/A-Geografia-Critica-No-Brasil>. Acesso em: 13 jan. 2009.
- GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e Modernidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse do Censo dos Profissionais do Magistério da Educação Básica 2003**. Brasília: O Instituto, 2006. Disponível em: http://www.inep.gov.br/basicalevantamentos/outroslevantamentos/profissionais_magis/default.htm. Acesso em: 03 dez. 2008.
- KAERCHER, Nestor André. **Desafios e Utopias no Ensino de Geografia**. 3. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia - Pequena História Crítica**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.
- _____. **Ideologias Geográficas**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense S. A., 1988.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org). **Para onde vai o Ensino da Geografia?** 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- VESENTINI, José William (org). **Geografia e Ensino: Textos Críticos**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2007.

_____ **Para uma Geografia Crítica na Escola.** São Paulo: Ática S.A., 1992.

WEINBERG, Mônica; PEREIRA, Camila. Você sabe o que estão ensinando a ele? **Revista Veja.** Disponível em: http://veja.abril.com.br/200808/p_072.shtml. Acesso em: 15 dez. 2008.